

PRÁTICAS DEVOCIONAIS

CAPÍTULO 4 – PRÁTICA DA CONFISSÃO – 2ª PARTE

Na primeira parte do nosso estudo sobre a prática da confissão, refletimos sobre a importância da confissão na caminhada cristã e relembramos alguns princípios que devem nortear essa prática. Nessa segunda parte, trataremos sobre as formas e os obstáculos que dificultam a prática da confissão.

Quando confessamos nossos pecados, devemos tomar cuidado com a confissão feita de modo formal demais, vago demais, generalizado demais, baseada em chavões e sem o acompanhamento do arrependimento sincero.

A confissão pode ser *individual* e *coletiva*. Na *confissão individual*, a pessoa usa o verbo na primeira pessoa do singular (“Eu pequei”). Dois exemplos desse tipo de confissão podem ser vistos em 2Sm.12.13 e Lc.15.21. Na *confissão coletiva*, usa-se o verbo na primeira pessoa do plural (“Nós pecamos”). É o caso de Neemias, na cidadela de Susã, ao tomar conhecimento da situação de Jerusalém: “*Eu e a casa de meu pai temos pecado*”. (Ne.1.6). Na confissão coletiva, assumimos nossa culpa como família, como igreja, e como nação.

A confissão também pode ser *normal* e *especial*. A *confissão normal* diz respeito à confissão de pecados recentes, feita com o objetivo de manter a higiene da alma. A *confissão especial* está mais relacionada à confissão de pecados acumulados e que são trazidos à tona em épocas de reavivamento. Um reavivamento depende de um mover poderoso do Espírito de Deus na igreja e o arrependimento é um dos seus sinais mais marcantes.

O fato de que a confissão seja necessária na caminhada de todo cristão não significa que não haja obstáculos no caminho. Existem obstáculos que se colocam no caminho da confissão e que atrasam o processo da cura e nos afastam da paz que só pode vir depois da confissão. É necessário conhecer e analisar os obstáculos que atrapalham a confissão. São eles:

- **Orgulho**: ocorre quando o pecador não quer admitir que pecou. Lc.18.9-14.

- **Consciência endurecida**: ocorre quando o pecador não percebe o seu próprio pecado, embora enxergue com facilidade e com lentes de aumento o pecado alheio. Jr.16.10; Mt.1.6.

- **Medo de pecar outra vez:** ocorre quando o pecador, que já confessou o pecado, volta a cometer o pecado outras vezes e, por não estar seguro de que não o cometerá mais, prefere não confessar, para não ser, no seu entendimento, hipócrita. É importante notar que o temor por ser hipócrita é positivo, mas nesse caso, é uma loucura não confessar o pecado, pois se houver arrependimento, nada impede que se volte à confissão quantas vezes forem necessárias. Se o Senhor Jesus nos ensinou a perdoar *“até setenta vezes sete”* (Mt.18.22), não nos perdoaria se nos aproximássemos dele para dizer mais uma vez: *“Estou arrependido”?* (Lc.17.3-4)

- **Falta de noção de pecado:** ocorre quando o pecador faz uma confusão acerca do que é pecado. Ele é capaz de coar o mosquito e engolir o camelo (Mt.23.24) e dá mais atenção à tradição cultural do que a Palavra de Deus (Mt.15.6). Para que não caiamos nesse erro, devemos lembrar que *“pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão dessa lei”*. Essa definição pode nos auxiliar a não cair no erro de fazer confusão sobre o que é pecado.

Como dissemos, esses são alguns obstáculos atrapalham na prática da confissão de pecados e devemos ter consciência do perigo de cada um deles para progredirmos em nossa caminhada cristã.

Na terceira e última parte dos nossos estudos sobre a prática da confissão, trataremos sobre os sinais que Deus usa para levar o pecador a confessar seus pecados e sobre o contexto em que ocorre o perdão. Que Deus opere arrependimento e fé em nossos corações. Em Jesus. Amém.